

A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO — *Afonso Vargas*

ASSIGNATURA	Publicação quinzenal	EXPEDIENTE
Lisboa: cada numero, pago no acto da entrega... \$o3o réis Provincias e llhas: trimestre ou 6 numeros..... \$200 * Brazil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros.... \$200 * Numero avulso..... \$o4o *	— N.ºs 39 E 40	Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua da Imprensa Nacional, 81, Lisboa. Assignatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

QUESTÕES SOCIAES

XVIII

Para não eternisar nas paginas d'este quinzenario as nossas reflexões ou devaneios sobre assumpto ácerca do qual tanto se tem escripto e tanto se escreverá ainda, resumiremos hoje n'este artigo o que ainda tinhamos a dizer, passando, por consequencia, ligeiramente pelas obras de um ou outro publicista que mais interesse tenha suscitado.

Assim, entre uma infinidade de trabalhos que em França, na Alemanha, na Italia e em Inglaterra apparecem aos milhares, destacaremos o livro de Henry George, *Progresso e pobreza*, cujas edições se têm succedido quasi ininterruptamente, e onde este ardente e erudito escriptor americano, especie de Lassalle do novo mundo, como Alfredo Defuisseaux o é da Belgica, expõe com uma lucidez e uma eloquencia vivamente communicativa e palpitante o systema da nacionalisação do solo.

A publicação do seu livro foi um d'esses acontecimentos que marcam epocha na historia de uma idéa, e o auctor recebeu convite para expor os seus principios, até de um conclave de pastores da igreja official.

Ao mesmo tempo professores de universidades, sacerdotes dissidentes, economistas e simples particulares, começaram a propaganda tenaz e calorosa d'esses principios, e uma grande corrente se estabeleceu em favor do modesto typographo, a quem as desigualdades que observou, até n'essa florente e gloriosa nação americana, tão cheia de seiva e de recursos, inspiraram paginas e paginas onde passa um sopro commovente e forte de sinceridade e de justiça, e que estão impregnadas d'esse espirito generoso e largo do verdadeiro christianismo progressivo e civilizador.

Talvez um dia dediquemos algum artigo especial ao homem que acaba de ter votos até para presidente da grande republica, e então exporemos com maior desenvolução os pontos principaes dos seus dois volumes até hoje publicados; por agora diremos apenas que uma das singularidades que mais espantaram Henry George foi o facto de trinta annos antes haver elle visto a California, onde não existia

um pobre, e de ver hoje a moderna cidade de S. Francisco, transbordante de riqueza e de actividade, coalhada de palacios, repleta de millionarios, e ao mesmo tempo surdamente minada pela vermine da indigencia e da miseria.

Precisamente quando a opulencia augmentava de um lado, crescia, alastrava o proletariado pelo outro; o salario diminuia, e milhares de desgraçados, que antes eram felizes, lá iam engrossar essa caudal medonha que ameaça subverter um dia este velho edificio da civilisação contemporanea.

Henry George descreve as maravilhas operadas pela mechanica, e pergunta como é que todos esses prodigiosos engenhos que deveriam ter contribuido para augmentar o bem estar geral, parece que, ao contrario, só têm tornado mais custosa a vida do operario, e observa se os progressos da civilisação terão acaso como corollario inevitavel o augmento do pauperismo.

Attribue elle isso á absorpção por uma das forças do capital ao que de direito pertence ao trabalho, e sustenta que se o productor fosse conveniente e dignamente retribuido, a propria lei de Malthus e de Ricardo deixaria de ter logar, porquanto o homem é entre os seres organisados o unico que para subsistir pôde augmentar indefinidamente a producção do que lhe for necessario.

A extrema e por vezes revoltante desigualdade que a cada passo encontramos no mundo, e que não pôde deixar de horrorisar aquelles mesmos que, inconscientes ou obcecados, se dignem comtudo attentar n'ella um instante, esse medonho e lobrego espectáculo de legiões de miseraveis a quem não é permitido nem o direito á vida, á luz, ao ar, á agua e á terra, — os bens que a todos deveriam pertencer, provém, segundo o auctor americano, de redundarem em proveito da renda todas as vantagens do progresso economico.

Dos tres factores de producção — o trabalho, a terra e o capital, o ultimo é o que em virtude de complicações successivas mais tem engrossado á custa dos dois primeiros, embora estes sejam igualmente capital, o mais importante até, porque cria o terceiro; mas capital de outra ordem, instavel, se é permitido dizer.

Hoje mesmo já estão de tal modo penetrados os tres, já andam tão misturados e igualmente depen

dentes uns dos outros, que não é facil nem scientifica a discriminação.

Comtudo ella tem de fazer-se na discussão, para que possamos comprehender qual o intuito dos publicistas, quando se dirigem de preferencia a uma só d'estas expressões, e mais claramente a individualiam.

É ainda o que se passa com Henry George, e por ser esta em ultima analyse a *maneira* fundamental de todos elles, não cansaremos a paciencia dos leitores, reproduzindo-lhes aqui n'um resumo, que seria imperfeito, a serie de considerações de que se serve o auctor do *Progress and poverty*.

Basta registrar apenas qual o ponto vivo que realta das paginas d'esse livro, e vem a ser que o unico remedio para obviar, a que o pauperismo se desenvolva parallelamente com a riqueza, seria transferir para o estado a posse da terra, não havendo necessidade de recorrer á expropriação para a realisação d'este facto, pois que bastaria elevar o imposto até ao maximo preciso para que elle absorvesse a renda.

Eis as suas proprias palavras: «Se taxardes os grandes dominios até á absorção dos seus rendimentos, tornar-se-ha impossivel aos grandes proprietarios reterem mais tempo todos os seus bens, vendo-se obrigados a vendel-os».

Esta é a doutrina fundamental de George, conhecida tambem pelo nome de theoria da suppressão da renda fiduciaria (*no rent theory*), e de reversão da terra para a nação ou nacionalisação do solo (*nationalisation of land*).

D'esta mesma idéa já o pae de Mirabeau fallava com tal enthusiasmo quando Quesnay a emittiu, que a considerava uma descoberta igual em importancia á da invenção da escrita e á da introdução da moeda como elemento de troca.

Mas, antes de passarmos a outra ordem de considerações, consintam que deixemos aqui levemente esboçados os traços geraes do que nós chamámos o Lassalle americano.

Henry George pertence pela nacionalidade aos Estados Unidos e pela filiação á Inglaterra; seu avô paterno, um marítimo, emigrára para a America no começo d'este seculo.

O nosso auctor, gerado, pois, já em territorio americano, nasceu em Philadelphia, em 1839, passando a infancia na cidade de William Penn «a cidade do amor fraterno». Começou a sua aprendizagem como typograph, e joven ainda partiu para a California, dominado da sêde do ouro, então a doença geral. Não tardou, porém, a perder as suas illusões, indo para S. Francisco, onde trabalhou n'uma imprensa, continuando os seus estudos.

A primeira obra que publicou foi *Our land and land policy (a terra e o seu regimen)*, que lhe havia sido inspirada pelo que vira na California; depois desenvolveu o seu aphorismo: «a pobreza marcha de conserva com o progresso» no livro cujo titulo acima citámos *Progress and poverty*, definindo elle um dos termos d'este titulo pelo seguinte modo: «O progresso pôde comparar se a um cunho imenso que penetra na sociedade, não perpendicularmente, mas em sentido horisontal, dividindo a em duas camadas. Os que ficam acima da linha de de-

marcação são elevados, os que estão abaixo são emagados».

Pondo ao serviço d'estas idéas um enthusiasmo sincero de apostolo, e uma forte convicção de erudito, é facil ver a importancia que o ardente caudillo da remodelação social adquiriu n'um paiz que é a um tempo a mais alta expressão da liberdade intellectual e a mais brilhante escola de todas as virtudes individuaes e civicas.

Em certos paizes que nós conhecemos ter-lhe-fam já chamado, pelo menos, petroleiro, assassino, atheu e inimigo da familia, da sociedade e da lei,— tudo com letras grandes; na gloriosa e livre America esse homem é votado para o logar mais eminente que á legitima ambição de um grande espirito pôde offerecer um povo, que conta entre os seus filhos caracteres da grandeza de Washington, de Franklin e de Lincoln...

Mas... passemos adiante.

É tempo de concluir alguma cousa d'esta larga exposição arrastada por tantos numeros, e é o que vamos fazer.

Não esperam certamente os que nos têm acompanhado até aqui que tenhamos a pretensão de ir agora esboçar tambem o nosso systema; seria por extremo ridiculo e demasiado temerario. Alem de que, permittam que o digámos, precisamente um dos maiores estropícios, um dos mais graves inconvenientes que prejudicam este assumpto é a abundancia de systemas.

Ora quer-nos parecer que não é nem será esse o meio de resolver, no que é susceptível de resolução, o grave problema da justa e equanime distribuição da riqueza.

Em absoluto, todos elles podem ser excellentes, e alguns o são em verdade; todavia n'este nosso mundo condicionado por tantos e tão complexos phenomenos e batido por sempre crescentes impulsões, não são propriamente os systemas que harmonisam esse jogo encontrado de elementos, e ás vezes até podem baralhar-os mais.

Depois, é conveniente que attendemos n'isto: a Humanidade, sendo, como é já banal affirmar-o, um organismo vivo, foge a todas as previsões e a todas as leis que não tenham em linha de conta o grau de expansibilidade, de variabilidade, famos dizer, de imprevisto, que são seu natural fundamento, e escan-galha e recalca as peias de qualquer nome que por meio de theorias preconcebidas, pretendam manietal-a ou sequer dirigit-a.

E eis porque, em absoluto, o assumpto que nos tem occupado, como qualquer outro emfim, nunca pôde ter uma solução definitiva e real. Portanto, o unico fito que deve attrahir as vistas dos que desejam construir alguma cousa de duradouro e de util consistirá sempre em procurar achar a forma realisavel d'aquillo que pôde ser e não d'aquillo que nós desejaríamos que fosse. Não são anjos os homens, e, ainda quando o fossem, haveria sempre a temer o perigo da rebellião — que demais não é novo.

A primeira conclusão a tirar d'aqui é que a distribuição *igual* e *justa* da riqueza em qualquer das suas formas é uma d'essas chimeras incongruentes que já nem a creanças pôde permittir-se. Quanto á sua distribuição *proporcional*, objectivo que já pa-

rece mais susceptível de realizar-se, ainda ha a ter em vista muitos e variados coefficients de correcção, os quaes começam logo no campo das aptidões naturaes.

Porque, já o disse Letourneau: «a natureza viva não é nem democratica, nem igualitaria; tudo n'ella está subordinado e tudo é hierarchico»; mas ainda quando a intervenção dos modificadores sociais possa de algum modo suavizar as mesmas desigualdades da natureza — e esse é o ponto de mira da civilização — ainda assim as desigualdades permanecerão sempre accentuadas e indestructiveis.

Notemos ainda que até em paridade de circumstancias o trabalho humano pôde produzir desiguaes resultados. Exemplo: «um cabrito e uma lebre mortos por um caçador n'um dia igual de trabalho e todavia de valor desigual: uma arvore rachada a machado por dois homens de força muscular identica e valendo preços diversos», e como estes milhares de factos attestando a verdade do que deixámos dito.

Mas, muito antes mesmo de Letourneau, já o sabio, o grande, o presciente Aristoteles escrevia que a igualdade não existe na natureza. Os homens nascem desiguaes, e é a sociedade que os reduz a uma especie de igualdade pela addição das forças de todos a cada um.

Este é pois o scopo da sociedade: addir ás forças de um as forças de todos.

E como individualmente o homem tem a predisposição insita para, antes de tudo, pensar na satisfação das suas exigencias pessoases, só as collectividades disciplinadas na unidade social do estado, synthetisado n'alguã das suas manifestações, poderão corrigir e neutralisar essas tendencias egoisticas e interesseiras, pela intervenção de um novo factor — o bem estar geral.

«Não se encontra a felicidade da sociedade humana na mudança e na destruição das cousas estabelecidas, mas na convicção de que a segurança dos estados depende da felicidade dos cidadãos, assentando n'uma justa subordinação. A liberdade sem ordem é uma licença que attrahe o despotismo; a ordem sem liberdade é uma escravidão que se perde na anarchia.»

Estas palavras de Aristoteles que definem qual a missão do estado, ainda melhor se completam por mais estas d'elle: «O estado é evidentemente uma associação, toda a associação se organisa para conseguir algum bem», que não pôde pois deixar de ser o dos associados.

Resta ver como conseguir-se isso, com relação á propriedade, por exemplo.

Não iremos, porém, descrever aqui os rudes inicios do homem desde o seu apparecimento no globo, para averiguar onde começou aquillo a que hoje elle deu este nome.

Desde o primeiro auxiliar da sua força de que elle conseguiu apropriar-se — a flexa, o arco, a lança rudimentar, até á cubata, á casa, ao terreno cultivado, ha uma evolução de tantos milhares de annos, que não é facil determinar a curva que ella veiu descrevendo até chegarmos aos periodos verdadeiramente historicos para o nosso caso.

O que, porém, desde logo se infere, é que o homem

começou sendo proprietario, e que foi precisamente com o desenvolvimento da civilização que elle veiu perdendo pouco a pouco o seu primitivo logar.

A maneira que as suas funções se iam especializando, que em virtude da sua união em grupos, em familias, em tribus, se iam diferenciando as suas diversas aptidões e necessidades, elle tinha que ceder parte do *seu bem proprio* para receber em compensação uma parte do *bem alheio*. Assim se esboçava o futuro organismo social, e se lançavam as bases dos posteriores elementos que sobre elle deveriam actuar mais tarde, — a lei, a religião, o lar e muitos outros.

Passemos, porém, em claro esse largo, larguissimo periodo de elaboração social, e entremos no mundo conhecido, tanto mais, que seria certamente preciso reunir á erudição de Bacon o genio de Shakspeare, para poder recompor nos seus traços profundamente dramaticos e dolorosamente tragicos as intensas agonias sem nome, as lancinantes torturas inexprimeis, com que legiões e legiões de desgraçadas foram e têm sido, n'este lobrego e tortuoso caminhar da humanidade, esmagados pela força brutal e egoista.

Calcule-se o que seria esse indefinivel periodo pelo que em periodos já relativamente modernos seriam os tempos em que 2:000 homens eram empregados durante tres annos a transportar, segundo as descrições de Herodoto uma unica pedra de Elephantina para Saís; em que 100:000 escravos trabalhavam na construção do Colyseu; em que, como conta Wilkinson, 120:000 egypcios pagavam com a vida a construção do canal do Mar Vermelho; em que, segundo Diodoro de Sicilia, 360:000 homens consumiam vinte annos a construir uma só das pyramides. Lembremo-nos dos Incas empregando 20:000 trabalhadores durante cincoenta annos para levantarem os edificios do Peru; não esqueçamos que os do Mexico exigiram o trabalho de 200:000; pintemos um momento no nosso espirito todos os horrores a que esses miseraveis ilotas foram sujeitos, e comprehendemos que se, como diz Buckle, só escravos poderiam effectuar esses prodigios de esforço e de trabalho, nas condições em que o faziam, todavia esses desgraçados tinham forma humana, e, embora typos inferiores da especie, haviam visto a luz em circumstancias identicas aos que cimentavam a sua vaidade e saciavam os seus caprichos com o sangue de tantos milhares de victimas. . .

Não esqueçamos que, por exemplo, houve um momento na historia romana, em que quatro proprietarios possuíam sósinhos toda a provincia da Africa, tendo Nero mandado matal-os para se lhes apossar dos bens, — como em tempos mais recentes haveria de fazer, embora não tão barbaramente, pois que não recorreu ao assassínio, o bom Carlos I, que confiscou os bens de todos os banqueiros do seu reino, depositados na Torre de Londres; — e com estes factos, de que está repleta a historia, nós comprehendemos a razão de ser do que em todos os tempos se tem chamado o problema social, agora mais aggravado, porque, como tão lucidamente escreve um publicista, ao mesmo tempo que a igualdade politica tem augmentado, progride a desigualdade economica, quando precisamente hoje «as sociedades

modernas só escaparão ao cyclo vicioso, isto é, o regresso incessante da anarquia ao cesarismo e vice-versa, se ao mesmo tempo que aperfeiçoarem pela sciencia os processos de produção, chegarem a applicar a justiça, assegurando a cada um a legitima remuneração do seu trabalho, pois que a democracia só vinga, apoiando-se n'uma seria igualdade de condições».

E claro, e já nós mesmo o dissemos, que essa igualdade não é a pretendida repartição, quasi escreveriamos symetria, das riquezas da collectividade; sobre ser isso um absurdo na ordem economica, seria uma impossibilidade na esphera social; mas ha varios meios de chegar á realisação do que é viavel n'este assumpto, e a sciencia se encarregará de ir descobrindo outros mais.

A explicação do problema social resume-se n'isto, segundo um economista:

«O conjunto da produção depende de tres factores: terra, trabalho, capital; ao primeiro vae a renda, ao segundo o salario, ao terceiro o juro. Basta que um leve as suas pretensões para os outros ficarem prejudicados. O progresso tem por fim augmentar o preço do solo. O antagonismo não é, pois, propriamente entre o trabalho e o capital, mas entre o trabalho e a terra, logo o que ha a fazer é proceder á justa e igual distribuição da terra.»

Averiguar como se deverá proceder a essa distribuição eis o essencial.

Assim, por exemplo, um dos termos da questão é saber previamente em que consiste a riqueza, que, segundo o patriarcha Voltaire, estava na abundancia das cousas uteis ou agradaveis, e, segundo outros, na basta posse de numerario.

Ora, o numerario só por si não é riqueza. A propria moeda, que, como todos sabem, nem sempre foi o ouro ou a prata, pois que, a começar, por exemplo, na Lacedemonia, onde desempenharam primeiro esse papel certas quantidades de ferro, e a acabar nas conchas da Asia e da Africa, passando pelo sal que d'isso servia na Abyssinia, pelo bacalhau que a tal foi destinado na Terra Nova, pelos pregos usados na Escocia, pelo couro empregado na Russia e pelo cacau no Mexico, tudo ou quasi tudo tem servido para permutação; — a propria moeda, diziamos, não é riqueza, se ella não realisar a troca de valores, pois já Bastiat, um economista orthodoxo, escrevia que a humanidade só enriquece quando valores onerosos se transformam em valores gratuitos, e isto traduzido em vulgar, pôde, entre outras cousas, significar que se a moeda não conseguir effectuar, em mutuas condições de facilidade, as transacções de uns generos ou de uns valores por outros, ella não trará a riqueza áquelle que a possuir.

E a prova que o proprio ouro e a prata, qualquer que, a final, seja o seu valor intrinseco, podem não ser riqueza, é que não uma, mas muitas vezes, a simples longitude ou latitude em que nos encontramos na posse d'elles, pôde determinar o maior ou menor grau d'esse valor.

Predominaram, porém, elles, porque sendo a utilidade o primeiro fundamento de um valor, qualquer d'esses metaes serve para a satisfação de innumeradas necessidades; alem d'isso são susceptiveis

de occupar pequeno volume, facilitam a troca, têm, por assim dizer, a vantagem de ser verificaveis por todos, são unidades divisiveis, e não estão sujeitos a depreciações muito sensiveis, comquanto não convenha esquecer que, por exemplo, o ouro já variou de valor, e que no seculo xvi, depois da descoberta da America, as minas d'este paiz pozeram em circulação tão grandes quantidades de metaes preciosos, que se originou uma baixa progressiva nos preços do ouro, e, por reflexão, no da prata.

Alem d'isso pôde-se ainda não possuir de uma forma visivel esses valores e ter um outro genero de riqueza — o credito, o qual, segundo a economia orthodoxa, começando no emprestimo é scientificamente o conjunto de todos os meios, pelos quaes a circulação dos capitales se torna mais activa, e pelos quaes os instrumentos de trabalho passam das mãos dos seus possuidores para as dos que podem pol-os em obra, augmentando-os, como no caso dos bancos, que, tendo nos seus cofres o valor effectivo de 5.000.000.000, poderão emittir a cifra representativa de 15.000, como no caso dos papeis fundarios, dos titulos de companhias, etc., etc.

Comtudo, ha ainda outra riqueza: a força potencial das machinas. Assim, ao passo que em velhos tempos que não voltam, um operario da industria de furar agulhas furava duas mil por dia, batendo com um martello sobre o punção, executando-se embora esta operação com tão notavel rapidez que havia creanças que furavam um cabello fazendo passar outro atravez d'elle; — ao passo que Adam Smith podia citar já no seu tempo, em 1770, dez operarios dividindo entre si as setenta e oito operações que necessitava a fabricação dos alfinetes, produzindo quatro mil oitocentos cada um; — hoje as applicações da mechanica centuplicaram esta produção, e, portanto, a riqueza augmentou.

Veiu a divisão do trabalho, e um simples e microscopico artigo, — a agulha, é submettido a cento e vinte operações, e passa por um grande numero de mãos; veiu o augmento de produção e o simples rolo mechanico de uma fabrica de algodão fia o numero de metros de fio equivalente ao trabalho de quinhentos operarios; veiu finalmente a diminuição no emprego de bracos e embora, segundo nos parece, seja Henry George quem diga que «um homem que veiu ao mundo é antes um productor que um consumidor, porque por uma bôca a sustentar traz dois braços para trabalhar», dá-se ás vezes o caso de não terem estes que produzir, emquanto aquella precisa de se sustentar, apurando-se em ultima analyse que, não podendo o homem lutar com a machina, aquella que a tem é o mais rico, e d'ahi o fundamento do que diziamos.

Não será, porém, facil a harmonisação d'estes diversos factores, e, já aqui o dissemos, aquella que achasse o ponto de concordancia d'elles, teria feito uma bella obra no sentido completo dos dois termos.

Proceder á distribuição forçada e illegal dos instrumentos de trabalho, e dos valores creados e adquiridos, entregar á partilha commum os agentes naturaes da riqueza humana, em cujo primeiro plano figura a terra, seria a um tempo tumultuario e inconsistente, e baralharia ainda mais o problema,

sem evitar que decorridos tempos, talvez até a pouco trecho, tudo retrocedesse ao primitivo ponto de partida; suppondo que simples medidas de caracter legislativo apenas *formaes*, por muita que fosse a sciencia que transumassem, poderiam pela sua só promulgação, remodelar incongruências e desigualdades seculares, representaria igualmente uma confiança por demais ingenua na facil e efficaz moldabilidade de instinctos do animal humano; tentar, porém, por diversas formas, incluindo estas mesmas, no que ellas têm de applicavel, conseguir a maior e mais proporcional somma de bem estar geral e particular, esse devera ser, cada vez com mais insistencia e com mais probabilidades de exito, o pensamento dirigente das collectividades e aggremações sociaes, qualquer que seja o seu nome e o fim para que foram creadas.

E por isso que, se como já ha dezenas de annos dizia o venerando Franklin, prégar que se pôde chegar á fortuna a não ser pelo trabalho é ser falso e criminoso, tambem o será esquecer as inviolaveis e indestructiveis leis do progresso humano, se ao mesmo tempo que se provar a verdade d'estas palavras, cohibindo os excessos incorrigiveis dos que desejam perturbar o funcionamento natural e evolutivo d'essas leis, não se destruir a acção dissolvente e lethifera que certos factos, duplamente revoltantes e escandalosos perante a moral e perante a justiça, exercem no organismo social, reprimindo igualmente com toda a força as desregradas ambições que revolteiam infrenes nas sociedades modernas, e a quem a insaciavel sede do ouro e da opulencia desorienta por vezes, a termos de poderem por seu turno vir a causar disturbios igualmente funestos á marcha das referidas leis.

Só o estado poderá conseguir isto em virtude da sua força, ao mesmo tempo impessoal e omnimoda, abstracta e concreta, consciente e inconsciente.

Como actuará elle, porém n'um meio cada vez mais indisciplinado e heterogeneo, como é o meio hodierno, de forma a conciliar os justos direitos e os imprescriptiveis deveres de uns e de outros?

Não é facil a resposta, precisamente por serem muitos os alvitreos, como já viram, e por não quererem muitos consignar esta funcção á entidade estado.

Ha até uma certa escola que preconiza o nihilismo administrativo no dizer de Huxley, afirmando que o estado apenas se deve limitar a proteger os cidadãos contra as incursões inimigas, cingindo-se a sua acção interna a prevenir os crimes. E essa forma de governo, que nem será a democracia nem a monarchia, recebeu o nome de *astynomocracia*, defendendo Spencer estes principios como já vimos na primeira parte d'estes artigos.

Ha-os que supõem serem os governos directos dos municipios, o *allmend* suisso, ou a *vestry* ingleza, o *mir* russo, ou a *desa* de Iava, a intervenção pessoal emfim, com ou sem eleição, de todas as camadas sociaes, que poderão pela discussão resolver todas as questões.

Ha, finalmente, quem já hoje não duvide sustentar que só um forte poder dictatorial e auctoritario, embora obedecendo a certas normas de investidura, e regulando-se por praxes e principios de antemão determinados, logrará fazer a luz e estabelecer a

harmonia no meio do tenebroso cahos em que nos perdemos todos.

Seria isto um como cesarismo electivo especial, que não sabemos se tomaria a forma de uma *gerontocracia* ou governo dos velhos, de uma *ptochocracia* ou governo dos pobres, ou de uma *selectocracia* ou governo de minorias escolhidas, especie de aristocracia intellectual no sentido etymologico da palavra — governo dos melhores, — que armados da força da collectividade conseguissem pôr em pratica todas as medidas tendentes a beneficiar o maior numero, sem todavia se deixarem governar por elle.

Isto quanto á forma de administrar. Quanto á essencia são infinitos os typos reguladores de melhoramento ou remodelação social, e desde as sociedades economicas até ás ligas cooperativas, parcerias industriaes e de toda a ordem, associações de diversos titulos e para diferentes fins, haveria immenso que enumerar e largo caminho a percorrer.

Mas — ha sempre um *mas* em tudo — começa logo por apparecer quem combata a economia; o revolucionario Blanqui dizia d'ella: «Esta divindade, prégada em todas as cadeiras, é uma peste. Faz-se á custa do consumo, portanto, á custa da producção. Restringir ao que se deve e precisa gastar, pôr de lado numerario, é diminuir a troca, trazer a estagnação, originar por fim a falta de trabalho».

É claro que não nos faremos cargo de destruir o que estas palavras têm de exagerado, e até de immoral: — Destroem-se por si, e é quanto basta; mas convem ter bem presente que a verdadeira regra economica é gastar o equivalente ao que se produz, feitas as restricções, que a mais rudimentar previsão aconselha, o que, sobre ser um principio de moral social, é quasi um principio de moral physiologica e psychologica. E como, segundo uma phrase tão justa de não nos recorda que economista «o mal de hoje está mais na distribuição desigual da riqueza diariamente produzida que na já existentes» estabelecer leis economicas de auxilio e de mutualidade, com a sancção da sciencia e da lei será fazer uma revolução mais justa e util, do que prégar ignorantemente e apaixonadamente a guerra ao capital, não nos lembrando que capital é tudo o que representa uma certa concretisação de esforço ou de trabalho, e que elle não pôde desaparecer da terra emquanto esta não desaparecer tambem.

Afigura-se-nos, pois, que a grande revolução a operar no mundo moderno consiste em penetrar as consciencias e os corações da verdade e da justeza de uns certos principios, até se lhes ir podendo dar toda a sancção legal e consuetudinaria que elles precisam ter, para se perpetuarem e se transmitirem.

Esses principios são muitos e de toda a ordem, de ordem moral, de ordem economica e de ordem physiologica até.

Começaremos pelos ultimos, porque elles nos explicarão os primeiros.

É conhecida a theoria de Malthus sobre a população, que Ricardo tambem achou, e sobre o que o grande Darwin baseou o seu edificio scientifico, nas suas celebres leis, a selecção natural e a sobrevivencia do mais forte pela concorrência da vida.

Essa theoria soffreu, porém, um correctivo com a theoria de Achilles Guillard, sustentando que a equa-

ção geral das substancias é a lei natural da existencia, e com o facto da experiência ter mostrado que ella era excessivamente synthetica e absoluta.

Em todo o caso, desde que parece provado poder a população — dadas certas circumstancias — duplicar todos os vinte e cinco annos se não encontrar obstaculos materiaes ou moraes que lh'o difficulitem, concluir-se-ha com certo fundamento que pôde haver perigo no augmento d'ella, desde que os derivativos naturaes da emigração para territorios ferreiros não venha ser o elemento compensador e regulador d'esse desequilibrio, que não deixará de dar-se.

Não pôde, porém, a sociedade modificar este phenomeno do crescimento da população, que obedece a leis physiologicas indestructiveis, senão por meio de medidas de previdencia e pelo desenvolvimento de todas as facultades que contribuem a tornar menor em cada um de nós a parte dos instinctos, fecundando e engrandecendo a intelligencia, pois que já hoje parece adquirido para a physiologia o facto de que o augmento das qualidades espirituas n'uma collectividade influe decisivamente na especie, cuja proliferação se torna menor, á medida que mais altas preoccupações intellectuaes vão desviando o homem da sua animalidade de macho.

Isto mesmo já o previu aquelle penetrante e lucidissimo genio de Spencer, e uma ou outra excepção que possa apontar se não vem invalidar a regra.

Será, portanto, pela diffusão do maior numero de elementos que tendam a fortificar e a ampliar a intelligencia, solicitando-lhe a curiosidade para as nobres investigações do saber e do estudo, que os dois sexos irão lentamente sentindo esfriar em si as impulsões exclusivamente animaes do instincto, e, sem deixarem de perpetuar a especie, encontrarão na mutua convivencia espiritual motivos novos por onde poderão distribuir tambem a ancia de gosar e de sentir que um para o outro os impelle no mundo. . .

Certamente que não queremos nós dizer com isto, e felizmente nem mesmo o esperámos, que para se ser feliz se precise converter a terra n'um vasto convento onde cenobitas massadores e caturras eternamente commentem textos scientificos — sem se importarem com o resto; — fóra de tal modo ridiculo, isso da parte de um novo, que nos apressámos a impugnar a simples suspeita; mas comprehendem que não vivemos unicamente, ou, pelo menos, não devemos viver para a exclusiva paixão do cio, e que é por demais sabido ser melhor admirar 2.000:000 de suissos prosperos que 8.000:000 de irlandezes na miseria.

Isto mesmo escrevia um economista sensato, quando dizia «que o crescimento da população só deve ser desejavel quando condiga com o augmento paralelo do capital ou dos meios de existencia.»

Aos que se riam da ingenuidade ou da pruderie d'estas considerações, apontámos o miseravel e tristonho espectáculo que se nos depara a miudo aos olhos, n'essas providas colmeias de maltrapilhos e de andrajosos, mandados á vida por tristes paes, ignorantes e proletarios, e que d'ella não conhecerão nunca senão os horrores incommensuraveis e as indescriveis agonias. . .

Aos outros lembremos estas bellas e fortificantes palavras de Maine de Biran:

«O exercicio habitual das altas facultades do espirito torna menor a parte da morte, e faz participar o organismo da juventude eterna da alma.»

..

Temos agora os principios de ordem moral e de ordem economica, mas, como dissemos, ambos estes seriam melhor explicados pela interpretação do ultimo. E vêem bem que assim é. Corrigido ou, pelo menos, contido nos seus limites naturaes o factor população, a moral e a economia tomarão um outro aspecto, e simplificarão immenso o problema.

Vejámos, porém, o aspecto economico.

Ha quem combata a grande propriedade, e precenise a excellencia da maxima parcellação d'ella, e até certo ponto mais valem quinhetos proprietarios, todos elles igualmente remediados, do que cem riquissimos e quatrocentos miseraveis. Nem nos parece que haja argumento de valia a contrapor a isto. Já mesmo Aristoteles, que nunca é ocioso citar, aconselhava aos governantes: a chamarem o maior numero possível á posse e á partilha da propriedade, se quizessem o socego nos seus estados; «porque a pequena propriedade nunca se revoluciona», mas as condições do mundo moderno, sendo no fundo talvez as mesmas que as do mundo antigo, são na fórma totalmente dissimilhanes, e em certos assumptos a fórma é tudo.

Portanto, hoje não se pôde pulverisar a tal ponto a propriedade, que ella acabe por entestar com a miseria.

N'um bello estudo sobre este assumpto de Paul Leroy Beaulieu, um dos mais serios, dos mais eruditos, e ao mesmo tempo dos mais attraentes economistas da França moderna, advoga elle, com elementos que se nos afiguram perfectos, a vantagem da existencia cumulativa das duas formas de propriedade, avançando que uma sem a outra não prosperarão e não caminharão bem, se não caminharem juntas.

E para socegar as apprehensões dos grandes proprietarios tambem não duvida affirmar, que precisamente a condição mais propicia para a riqueza de um extenso dominio é uma cintura espessa de outros mais pequenos, sustentando até que esse deveria ser o cuidado minucioso do grande possuidor: — «crear em volta d'elle um largo anel de pequenos proprietarios».

E, escreve ainda o mesmo erudito publicista:

«Um paiz d'onde a grande propriedade tivesse absolutamente desaparecido acabaria por perceber que lhe faltava um elemento de progresso, um factor de actividade e de vida, — a categoria de agricultores que têm a missão e os meios de aperfeiçoar, de instruir pelo seu exemplo a classe inteira dos cultivadores.»

Quanto á outra fórma, a pequena propriedade, não é Beaulieu menos eloquente, e a mesma opinião tem tambem Foville, e tinha já Arthur Young, que, viajando em França de 1787 a 1789, reconhecia os beneficios d'ella, embora lhe prognosticasse perigos enormissimos pelo desenvolvimento excessivo da população a que ella daria lugar, — no que felizmente se enganou.

Em todo o caso, para que se veja que ambas têm a sua razão de ser, basta, quanto á primeira, lembrar que um grande escriptor, que foi tambem um grande infeliz, porque teve entre outras a desgraça suprema de ver quasi sempre envenenadas ou incomprehendidas as suas intenções, Proudhon emfim, dizia isto, que deve ser insuspeito:

«Para determinar a decadencia da industria agricola em muita localidade, ou ao menos para lhe sustar os progressos, bastaria talvez tornar os rendeiros proprietarios.»

Póde, pois, desejar-se que a grande propriedade agricola ou industrial passe para o dominio de uma parceria, de uma associação, de uma cooperativa, o que é um caso diverso, mas não se deve — porque não se póde — negar a conveniencia d'ella.

Admittidos portanto os seus dois modos de ser, resta apenas estudar como se conseguirá chamar o maior numero á fruição das suas vantagens. Este será porém o encargo do seculo xx, se é que um seculo chegará para resolver tantos problemas, como os que têm sido postos até hoje sobre isto.

A questão propriamente operaria logrará talvez resolver-se por meio das camaras syndicaes, em que patrões e operarios possam tratar os assumptos que os interessam, já estabelecendo convenções de trabalho, entre uns e outros, já associando-se mutuamente.

Ao mesmo tempo certas instituições de previdencia e de mutualismo, caixas economicas, caixas de pensões para a velhice e para a invalidez, regulamentação do aprendizado, organização das corporações fechadas de mesteres, como havia outr'ora, e que, convenientemente expungidas dos anachronis mos da idade, poderão ainda prestar incalculaveis serviços, intervenção da acção official em tudo o que demanda força de lei, constituição de um codigo de direito operario, fixação do dia normal de trabalho, e tantos outros pontos susceptiveis de exame, taes como a partilha dos lucros entre todos, quando o dividendo de certas industrias exceder uma taxa determinada, feitas previamente as naturaes deducções para as contas especiaes de machinismo, conservação, capital e perdas provaveis — tudo isto será a obra do tempo e o resultado da diffusão dos estudos de economia social e politica, que como tão justa e sabiamente diz Emilio Laveleye, precisa cada vez mais tornar-se *ethica*, isto é, tornar-se *moral*.

E não nos digam que são utopias as observações que aqui deixámos. Propriamente já hoje os tempos não correm muito favoraveis para ellas, e alem d'isso, nem um só principio avançámos, que a experiencia o não tenha ido miudamente depurando e polindo no seu cadinho infallivel.

Digam-nos que não será tudo isto a obra de dias nem de annos, mas não contestem que deva realizar-se, porque seria negar o progresso, tanto mais que se houver forças capazes de impedir a consecução d'isso, as classes dirigentes que então presidirem á marcha das sociedades, tendo por suas proprias mãos fornecido elementos e motivos para autorisarem a revolta, assistirão á mais tremenda, á mais horrorosa tragedia que ainda póde ensanguentar a historia da humanidade.

Já Heine prophetizou um 93 peor que o de França, e aquelles que, querendo, não souberem

prevel-o e inutilisarlo a tempo, serão duplamente cúmplices e criminosos.

A maneira de evitar essa conflagração geral do quarto estado que chega, e que não é só o elemento operario, como insistem em querer proval-o os papões da burguezia e os ignorantes das leis da historia, será combatendo em nós e nos outros, e reprimindo com seriedade e com firmeza todas as revoltantes desigualdades que ferem a face luminosa da justiça, que violam as mais augustas leis da humanidade e do amor, que, n'uma palavra, fazem sangue na consciencia e amesquinham e enodoam o coração...

Notem que não são só maltrapilhos nem energumens que bradam por justiça, são todos os que, olhando as cousas de mais alto e os homens de mais baixo, sentem palpitar na alma uma vibração que seja da Eterna Verdade que nos deve inspirar a todos, e tremem horrorisados pelos destinos d'esta humanidade, que devendo ascender ás alturas sublimes da Immortal Sciencia e do Infinito Amor, se esquece ás vezes da sua estrada de luz e da sua missão divina, e immerge, immerge na medonha, na innenarravel sombra do egoismo, da hypocrisia e do crime...

Foram todos os doutores, todos os santos da igreja, todos os philosophos, todos os sabios, todos os justos d'este mundo, todos os que lançaram n'elle a semente da verdade e do bem, foram elles que deram aos desgraçados o direito de reclamarem justiça, o direito de se revoltarem contra as transgressões da solidariedade social, e se nós quizesmos lardear este já tão longo artigo com citações a proposito, poderíamos ir só buscar-as aos livros mais orthodoxos que os crentes de todos as seitas possam reverenciar, ás obras mais insuspeitas de todos os espiritos que uma vez fizeram isto: — pensar e sentir.

Mas, não é preciso citar, porque já hoje todos têm tido necessidade de se ir convencendo d'isto — e de muito mais.

Terem muitos o superfluo, quando tantos não têm sequer o necessario, é d'aquellas verdades de intuição tão clara e ao mesmo tempo d'aquellas injustiças que por si mesmas fallam tão alto, que só surdos ou cegos deixarão de ouvir e de ver.

E isto é que se torna preciso fazer bem patente, a fim de que cada um de nós na medida das nossas forças contribua para tornar menos frisantes, menos sensiveis, menos percucientes as arestas que a cada passo rasgam a chlamyde d'essa divina caminheira dos seculos que se chama a civilisação.

(Continúa).

AFONSO VARGAS.

Não é a malevolencia que mais mal faz: é a tolice.

Antes queiras os maus que os imbecis; ao menos aquelles descansam.

Gravem as mulheres isto bem na memoria: só são dignos do seu amor os que se julgam dignos do seu respeito.

Os que amavamos e que perdemos já não estão onde estavam, mas em toda a parte onde estamos.

DUMAS (FILHO).

MISCELLANEA HISTORICO-LITTERARIA

(Continuado do n.º 38)

III

Carta de um mestre de navio do seculo XVI

As narrativas de naufragios,— tão commoventes e tão expressivas na sua contextura simples e na sua forma tósca,— são, com os *Lusiadas* e com as obras de Gil Vicente, os documentos mais accentuadamente portuguezes que em nossa litteratura temos.

Publicadas primeiro em folhas volantes, que pela sua natureza fugitiva desapareceram completamente, ou constituem hoje especies bibliographicas de primeira raridade; colligidas em tempo de D. João V por Bernardo Gomes de Brito nos dois tomos da *Historia tragico-maritima*; reduzidas por Francisco Maria Bordalo no vol. xi do *Panorama*,— desconhece-as actualmente o maior numero.

E, contudo, vive n'essas narrações o Portugal do seculo XVI. Individuaes pela factura, pertencem pela essencia á collectividade, ao povo que apertado na ultima orla da *Hesperia ultima*, e tendo ante si o mar a tental-o, com o prestigioso encanto peculiar a quanto é desconhecido e arriscado, se aventurava ás mais longinquas e temerosas navegações, dilatando a fé e o imperio, e iniciando uma nova era, que no admirado poema de Camões tem a expressão artistica mais irreprensivelmente bella, mais delicadamente sentida e mais genuinamente nacional, que porventura possa fazer o desvanecimento d'um povo e a gloria d'uma litteratura.

A narrativa, porém, que hoje publicamos, temol-a como inedita.

Esta circumstancia, a sua natureza, e os factos que recorda, tornando a triplicemente interessante, justificam a sua publicação.

Carta de Pedro de Andrade Caminha a Duarte Nunes de Leão¹

Sñor.

Antonio de Castro me disse que V. m. se lhe queixara de mi, por não ter lá áqueles papeis, de q̄ me peza muito, inda q̄ não tenho culpa nisso, por q̄ os lembrei algúas vezes, e o m.^{to} q̄ se ganhava, se os ouusses tais, q̄ possẽ seruir nas cronicas de V. m.; mas tambẽ lhe confesso q̄ á muitos dias q̄ não pude falar nisso, nẽ sair de casa cõ hũa doença q̄ tive mi grande e de m.^{tas} mezes, de q̄ inda tenho algúas achagues, inda q̄, louvado Ds, estou já bẽ. Lembrandome o q̄ V. m. me fez merce de me comunicar de sua historia, me pareceo q̄ devia aduertir a V. m. q̄ algúas cousas q̄ me disse, q̄ na cronica delRei dõ Afonso Anriques queria passar cõ silẽcio, por lhe não parecerã verdadeiras, se deue lebrar que os coronistas q̄ as escreuerão as não deviã sonhar, nẽ inuẽtar, mormẽte não se escreuẽdo essa istoria no tempo dos mesmos Reis, no qual a hũas cousas se poderião acrecẽtar outras, mas tãtoas nos depois, e tempo delRei dõ Manoel, por Duarte Galuão q̄ escreueo a primeira, e Rui de pina as mais, q̄ não deviũo escreuer senão por memorias antigas q̄ estevesse na torre do tóbo, nas quais, depois de postas e istoria iã como menos necessario, não se teria tãtoa guarda, q̄ V. m. as possa agora achar no mesmo tóbo, para cõ ellas auer por uerdade^o o q̄

¹ Encontra-se esta carta (original) n'um pequeno volume que pertenceu á valiosa collectõ de manuscritos, que os religiosos theatinos guardavam na Casa de Nossa Senhora da Divina Providencia, em Lisboa. (Occupas atualmente este edificio o conservatorio.)

está escrito nas cronicas; nẽ tenho por argumẽto infaluel, para não serẽ certas, faltar memoria dellas fora das Istorias. E çalandoas V. m., ou querẽdo mostrar sã proua de papeis antigos, q̄ não acceteram assi, seria escandaloso para os portuguezes q̄, tãtoas anos á, cõtínuo cõ essa lição, que não querẽdo deixar, sã proua certa de ser falsa. Pricipalmente o q̄ na cronica se cõta delRei dõ Afonso uer a Cristo crucificado, se agora se calase, ou se quizesse mostrar q̄ não acceteo assi, seria tirar ás armas deste reino tũ principal e pio fundamento do mesmo Rei as tomar da quella occasião, q̄ as faz auantiaidas das dos outros reinos, cõ tal picipio e causa dellas.

A merce que passo a V. m. e reposta desta, é que ma fiça de me auisar de m.^{tas} boas nouas de sua desposissio, e do e q̄ entender q̄ o posso seruir. Nosso S.^{mo} Xpo. De Vila Viçosa a 6 de dez.^{to} 1586.

Beija as mãos a V. m.

p.^o dandrade Camjnha.

(Sobrescripto) Ao m.^{to} III.^o s.^o osñor Doutor Duarte nunez de lião meu sñr.

NOVAS DA INFELICIDADE DA ARMADA DE S. M.^{DE},
Q̄ ESCRUEO
O MESTRE DA SOTA CAPITANIA¹

Vespera de saom domingos q̄ foi ao sabado (pela parte superior d'esta palavra, e em letra igual — alias quarta l.^{ta}) tres dias dagosto, cheguamos a preamua², donde encontramos coranta e sete naos grossas, e como o duque³ hia em cãta do principe⁴, nã fes caso dellas. Nãs, com o almirãte, q̄ vinhamos atras, nos segrãro, pelelando todas conosco, e nos desaparelharã de enxarsas e mastos. Accodionas a capitanea e sam matheus, mas ja tarde. Isto se pasou na primeira vista do imiguo; quando veo ao outro dia (á margem: — quita l.^{ta} iij dag.^{to}), se erã corãta, fora logo oyntada, donde nos fora segrindo e pelelando conosco, até chegar a cales⁵, donde sorgimos, e elles se aiũtarã como duzetas velas, antre piñas e grãdes, e sorgirã por nossa popa, e a cabo de douts dias (á margem: — ao sabado á noute, vij dag.^{to}), de noute, pos fogo a sete naos suas, p.^o nos queimar a nossa armada; donde cortamos as amarras, e davamos hũas naos pelas outras, com a presa, vendo-nos em grãde aperto do fogo, mas qui N.^o Sñor q̄ nã pegou fogo em nao nossa, donde, andãdo asy, desta man.^{ta}, desamarrados, veo a armada do imigo sobre nos, p.^o nos fazer ir perder nos bancos de frãdes, pelelando com nosco, durãdo a pelcia da lux da menã até vespera, (á margem: — do domingo vij dag.^{to}), donde nos desbaratarã m.^{tas} naos, em q̄ entrou saom felipe e são matheus, donde fomos pello canal fora, e o imigo sepre seguindonos, até nos botar fora de sua terra, e vindo a nossa armada jũta nos deu hũa tẽpestate, q̄ nos apartou, e se perdeo a armada na costa de irlanda, e foi m.^{to} gente cativa; e dom alonso⁶, q̄ hia na nao terra, a capitania, foi ter a sãto andre⁷, com algũas naos, e nos estivemos juntos, antre hũas ilhas de irlanda, donde mandou o almirãte hum batel com seis homẽs, donde nã tornarã maes. Ao outro dia, apparecẽro tres bandeiras de gente de guerra, cuidãdo q̄ nos aviamos de saltar em terra. All estivemos quinze dias; ali, á nossa vista, se fundou hũa nao, sem se salvar hũa pesoa, e outra veo apos esta, com o masto grande quebrado, e sorgio ao longo de nos, donde retomamos a gente e a artilharia; e tambem ficou perdida. Fizemonos á vela hũa tarde, dali, onde estivemos quasys perdidos; mas quis nosso senhor salvarnos, e darnos tẽpo com q̄ em sete dias fomos surgir na corunha, donde agora estamos, como cativos.

Não cõto maes a v. m., porq̄ não ha (?) papel q̄ baste p.^o cõtãr os trabalhos q̄ nos tem socedidos.

² Hoie dezanove dias do mes de outubro.

anno de 1588.

(Continã)

¹ O codice encontra-se hoje na Bibliotheca nacional, onde tem a marcação A-6-58.

² Plymouth. O mestre da sota-capitania refere-se á *imocivel armada*.

³ De Medina-Sidonia, D. Alonzo Peres de Guzman, a quem Philippe II entregã o commando.

⁴ Alexandre Farnesio, duque de Parma, commandante das tropas hespanholas dos Paizes-Baixos, que devia embarcar na costa de Flandres, com cerca de 35:000 homens.

⁵ Calais.

⁶ O duque de Medina-Sidonia, D. Alonzo Peres de Guzman.

⁷ Santander.

CALANDRA DE QUATRO CYLINDROS

A grande fabrica do sr. Wilhem Ferdinand Heim, em Offenbach sobre o Meno, é, no seu genero, uma das mais antigas e importantes da Allemanha.

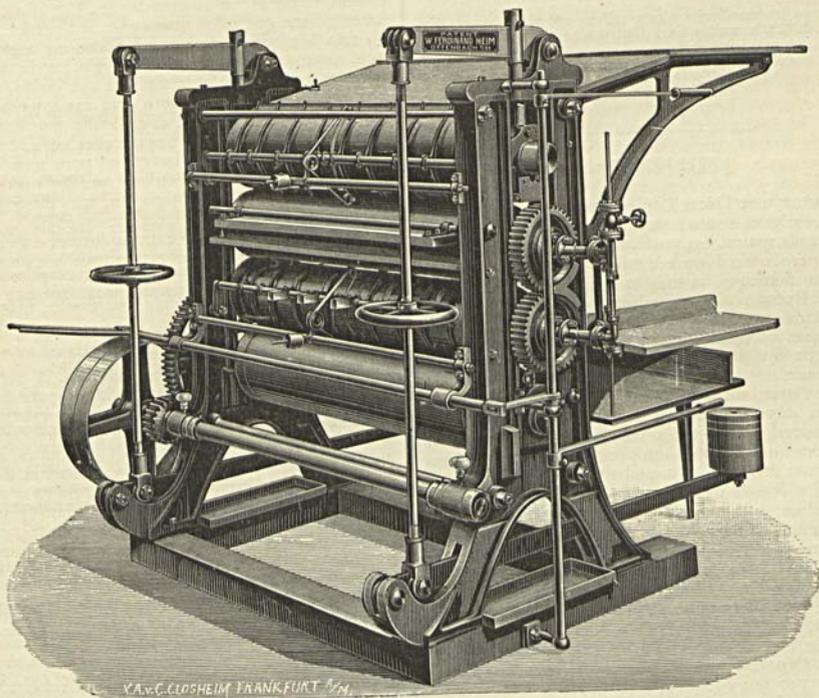
Fundada em 1822, tem-se occupado desde então, quasi exclusivamente, na manufactura de machinas para a industria do papel e correlativas, gosando de mercedos creditos os seus productos, que ora são universalmente conhecidos e apreciados.

E de feito as officinas do sr. Heim pela sua optima disposição, numero e bem habilitado, pessoal soberbo material de que dispõem e admiravel competencia da direcção tecnica,

desnecessario o emprego de folhas de zinco, que se deterioravam rapidamente, permite calandar 1:500 ou mesmo 2:000 folhas por hora segundo o formato do papel e a habilidade ou dextreza do marjador. Alem d'isto, que é muito, accresce, que a calandragem por este methodo é por sem duvida, muito mais igual.

A perfeição dos productos da fabrica do sr. Heim ha sido reconhecida e laureada em todas as exposições em que se tem apresentado, e nomeadamente nas de Londres em 1862, de Paris em 1855 e 1867, de Moscow em 1872, e de Frankfort em 1881, na qual o habil constructor obteve como em Moscow, a medalha de ouro, acompanhada, n'aquella, com a medalha de honra.

O sr. Heim é condecorado com a cruz de cavalleiro da or-



satisfazem plenamente a todas as exigencias, ainda as mais meticulosas, affrontando com vantagem as suas machinas, tanto no acabamento como no preço, a concorrencia das procedentes de fabricação ingleza ou franceza.

Cresceu a fama da casa Heim, quando em 1875 começou de se generalisar na typographia o uso da calandragem ou assetinagem dos papeis directa, isto é, sem dependencia de folhas de zinco, conseguindo-se com as suas calandras aperfeiçoadas resultados tão lisonjeiros, que as tem feito introduzir nas typographias de maior importancia em substituição das antigas calandras ou laminadores manuaes.

A principal vantagem da calandragem ou assetinagem dos papeis pelo novo processo consiste em uma considerabilissima economia de tempo e de mão de obra, pois que, tornando

dem de Lviz de Hesse, e com a grande medalha da ordem de Santa Anna da Russia.

As machinas para typographias e lithographias que a casa Heim construe, como especialidade, alem das calandras de 2 até 12 cylindros, de qualquer largura, são, alem de outras, as seguintes:

Machinas de aparar papel, com e sem pressão automatica. para motor ou a braço (6 modelos); ditas de aparar de tres lados simultaneamente; prensas hydraulicas de assetinar o papel depois de impresso (2 modelos); ditas de assetinar e apertar, de parafuso (5 modelos); ditas para bronzear, envernizar e gommear (2 modelos); tesouras circulares; machinas para *granular* as impressões lithographicas; e todos os aparelhos e machinas proprios para os trabalhos de encadernação.

A nossa estampa representa a calandra que foi ultimamente adquirida pela imprensa nacional de Lisboa; é de quadro cylindros, dois de ferro bornido, que podem aquecer-se a vapor, e dois de cartão. Serve com os cylindros a frio, para assietar os papeis sujeitos ou não a *molla* antes da impressão; na assietagem dos papeis em secco devem empregar-se de preferencia os cylindros aquecidos.

Para o serviço d'esta calandra são sufficientes dois homens (um marjador e um receptor). As folhas de papel são conduzidas automaticamente em torno e entre os cylindros; basta passar uma só vez sob os cylindros para o papel receber uma assietagem muito fina, igual nas duas faces, e em todas as partes da folha. Assietina ou calandra de 1:100 a 1:600 folhas por hora, funcionando por meio de motor.

É uma excellente machina, que corresponde de todo o ponto ao fim, que se pretendia, justificando a escolha da administração superior do nosso primeiro estabelecimento de artes graphicas.

Foram intermediarios n'esta valiosa adquisição os srs. Esteves & C., honrados e intelligentes commerciantes estabelecidos na rua Serpa Pinto, e agentes exclusivos do sr. Heim, em Portugal. Custou, posta na imprensa nacional, livre de direitos e quaesquer despezas, 1.290,700 réis.

F. PEREIRA E SOUSA.

A OBRA PRIMA DO CRIME

Chamava-se Oscar Lapissotte, era pobre, sem talento, e julgava-se um homem de genio. Adoptar a vinte pseudonymos, e o publico repellira-os a todos. O desespero, o azedume e a miseria tambem por mais de um momento lhe tinham inspirado a idea do suicidio. Recuou diante do horror da morte. No seu cerebro devastado, o pensamento do crime veiu muitas vezes acender as suas chammas sinistras. O crime, que lhe daria a riqueza, e com a riqueza a celebridade!

Uma noite em que fôra visitar ao hospital um seu amigo, estudante de medicina, ao atravessar uma enfermaria, reconheceu n'um dos leitos uma creada, que fôra sua vizinha n'um predio em que elle só estivera um mez, e com a qual tivera relações amorosas. Era creada de uma velha viuva muito doente e riquissima. Ella tambem o reconheceu, e chamou-o. Contou-lhe que estava ali havia tres semanas, e que sua ama nunca a viera visitar.

—Então deseja vel-a? perguntou Oscar.

—Não, senhor, o que receio é que ella leia umas cartas que lá me ficaram, e que por isso me despreze.

—Desprezal-a porque?

—Eu lhe digo, e vou-lhe fallar com toda a franqueza. Depois que o senhor se foi embora, apaixonei-me por um cocheiro, e fiz por elle toda a qualidade de loucuras! Se elle era pae de meu filho e promettia casar commigo! Bem vejo que era peta, mas não importa. Eu sempre deixo alguma cousa ao meu pequeno, e depois a senhora, que é muito boa, ha de olhar por elle. Tenho aqui debaixo do travesseiro uma carta em que lhe confesso que tenho um filho. A carta ha de lhe ser entregue depois da minha morte, mas só no caso de se terem quemad os meus papeis meus que estão em casa da senhora; de outro modo não, porque, se a senhora os lesse e soubesse que eu fui uma ladra, não teria dó do meu pequeno.

—Minha querida, se quer que eu lhe faça algum favor, estou prompto para isso, falle mais claro, de modo que eu entenda.

N'esse momento Oscar não pensava senão em arranjar ali um assumpto de romance.

— Pois eu lhe digo. Eu tive na rua um ataque de apoplexia e trouxeram-me para aqui. A senhora deixou-me ficar, porque me fazia mal levarem-me para casa. Escrevi-lhe a ella, respondeu-me. Veiu procurar-me da parte d'ella a mulher que a está agora a servir. Mas não podia fallar-lhe no que me preoccupa. Eu tenho um masso de cartas do cocheiro, umas em que me aconselha roubos, outras em que me agradece o tel-os committido. Porque eu roubei a minha ama, por causa d'elle. Eu devia ter quemad aquellas malditas cartas, mas como tambem diziam ternuras, fa-as guardando. Um dia o patife ameaçou-me que m'as tirava para me perder. Como eu não lhe queria dar dinheiro, deu-me a entender que, assim que apanhasse os papeis, havia de fazer de mim tudo o que quizesse. Eu tive medo, e lembrei-me de pedir á senhora que me guardasse as cartas na sua secretária, dizendo-lhe que eram uns papeis de familia, muito importantes. A senhora assim fez, e deu-me uma gaveta só para mim com a sua competente chave. Bem sei que lhe podia mandar dizer que preciso dos papeis, mas desconfio da mulher que a serve. Parece-me que ella agora é amante do cocheiro. Elle é um seductor, e metteu-se com ella para apanhar as cartas, que elle bem sabe onde estão. Ah! se o senhor quizesse! Eu bem sei que o não mereço, mas olhe que me salvava.

—Como?

—Trazendo-me as cartas.

—Como é que eu as hei de alcançar?

—Oh! De um modo bem simples. A senhora, como padece de insomnias, toma chloral para dormir, e ahí pelas dez horas está n'um somno pesadissimo. A essas horas, a creada, que é mulher aos dias, não está lá, porque se vae embora ás sete horas, depois do jantar. A senhora não lhe diz que toma chloral, porque tem medo de ser roubada. Se m'o dizia é porque tinha inteira confiança em mim. O senhor entra, ella não o ouve, e pôde sair e trazer-me as cartas. Bem sabe que a casa tem duas entradas. Subindo pela escada da cozinha o porteiro não o vê. Oh! faça-me o que eu lhe peço,

— Está douda! E como é que eu havia de abrir a secretária? Como é que havia de entrar em casa, depois de estar na escada?

— Tenho uma chave falsa da secretária, que mandei fazer, por minha vergonha, para roubar a senhora. Aquí está ella e a da minha gaveta. Aquí tem tambem a chave da cozinha. Não sei porque, mas tenho confiança no senhor. Sinto que me ha de fazer isto para eu morrer em paz.

Oscar Lapissotte pegou nas chaves. Tinha os olhos fixos. Cobria-lhe o rosto uma subita pallidez. Contracções nervosas lhe agitavam as prégas dos labios delgados. De subito, surgira diante d'ella a idea da possibilidade do crime. Se essa mulher morresse, nada mais facil de executar.

— Estou suffocada! estou suffocada! disse a doente exhausta pela sua longa confidencia. Agua! agua!

O dormitorio estava sumido na sombra, vagamente illuminado por uma lamparina. Nos leitos proximos dormiam todos. Oscar levantou a cabeça da enferma, tirou o travesseiro e poz-lh'o na boca,

segurando-o com pulso de ferro, pelo menos dez minutos. Teve a horrível coragem de esperar de relógio na mão.

Quando descobriu o rosto da doente, estava ella asphyxiada. Não podéra fazer um movimento, nem dar um grito. Poz-lhe o traveseiro outra vez debaixo da cabeça, e puxou-lhe a roupa. O cadaver parecia dormir.

O leito da creada ficava perto da porta, o assassino safu sem bulha. Metteu por um corredor, safu por uma porta da rua da Piedade, e achou-se na rua sem que o vissem.

Eram nove horas e vinte minutos.

Sem perder o tempo, todo entregue á febre da execução, o miseravel partiu a passos largos para a rua de S. Diniz, onde morava a viuva. Entrou na casa antes das dez horas.

Pelo caminho fôra sazando o plano.

Primeiro foi á cocheira, onde o novo amante da creada havia de ter algum fato. Encontrou apenas uma gravata, rasgou-lhe um pedacinho, e metteu na algibeira.

Depois subiu os degraus da escada da cozinha a quatro e quatro. Era no primeiro andar, e podia subir os dezoito degraus, sem se arriscar a ser visto.

Abriu a porta, entrou sem bulha, foi á alcova, e estrangulou com um só apertão a velha, que dormia. Também ali teve o sangue frio de lhe conservar a garganta apertada por um quarto de hora.

Depois abriu a secretária. Na gaveta do meio estavam acções e obrigações; na gaveta da esquerda notas do banco; na da direita cartuxos de luizes. Escolheu os titulos que se pagavam ao portador, e deixou os outros. Ao todo, oiro, titulos e notas, sommavam cento e quarenta mil francos, que atafulhou nas algibeiras.

Depois tratou das cartas. Encontrou-as facilmente onde a creada dissera. Queimou-as no fogão, mas tendo o cuidado de deixar intactos alguns trechos mais compromettedores para a creada ou para o cocheiro. Só alguns, bem escolhidos, bastavam para reconstituir toda a historia do filho, das provocações ao roubo, dos roubos commettidos. Pol-os em evidencia, junto do guarda fogo, admiravelmente arranjados, para fazer suppor que se tinham queimado á pressa, e que se tinham ido embora, antes de elles estarem completamente consumidos.

Amarrotou e rasgou o pedaço de gravata, mettendo-o na mão direita, fechada e encrespada da morta.

Saiu então, achou-se na rua, e começou immediatamente a caminhar com o passo tranquillo e distraido de um scismador.

Oscar Lapisstotte não se enganára. Era um homem de genio, tinha o genio do crime; trabalhára com mão de mestre.

Mas um crime não é verdadeiramente uma obra prima, senão ficando o auctor impune; e a impunidade só é completa se a justiça condemna um supposto culpado.

Oscar Lapisstotte teve a impunidade completa.

A justiça não hesitou nem um instante. Evidentemente o assassino era o cocheiro. Os fragmentos das cartas eram indícios infalliveis. A não ser o cocheiro, amante da creada, quem é que podia conhe-

cer tão bem as cousas favoraveis ao crime? Que outro podia ter as chaves? Não começára roubando a viuva de combinação com a creada? Não era logico que dêsse o passo que separa o roubo do assassínio? Demais, a ponta da gravata accusadora fallava claramente. Para cumulo de desgraças, o cocheiro tinha maus antecedentes. Como ultima circumstancia esmagadora, não pôde justificar que estivesse em qualquer outro sitio na hora fatal. Por mais que negasse, por mais que protestasse que era innocente, foi julgado, condemnado á morte, executado, e os juizes, os jurados, o advogado, os jornaes e o publico ficaram todos de accordo, com a consciencia tranquilla a seu respeito. Só ficou um ponto obscuro: a riqueza não se encontrou. Suppoz-se que o patife a escondêra em sitio seguro, mas ninguem duvidou de que elle a tivesse roubado.

Oscar Lapisstotte pôde gosar plenamente do seu duplo assassínio, e saborear-lhe os fructos n'uma serenidade absoluta. Não teve nem remorsos, nem terror. A unica cousa perturbadora que sentiu, e que foi pouco a pouco augmentando, foi um orgulho immenso.

Orgulho de artista, sobretudo. O que lhe fez esquecer todas as considerações moraes foi exactamente a perfeição da sua obra, a consciencia de se ter mostrado impeccavel.

E só n'isto saciava a sua sêde de superioridade, no mais continuava a ser um homem mediocre, obscuro, justamente desconhecido. Debalde se servia da sua riqueza para entrar nos jornaes e nas revistas, para acariciar a critica; não podia chegar a fazer-se escutar do publico. Os seus versos, as suas peças de theatro tinham o cunho da nullidade. Os homens de letras conheciam um pouco Anatolio Desroses — era o seu pseudonymo — que tinha mais dinheiro que talento, mas os leitores para nada se importavam com o seu dinheiro, e consideravam-n'o um perfeito imbecil.

E, comtudo, dizia elle ás vezes consigo, accendendo-lhe nos olhos um relampago, se eu quizesse! Se eu contasse a minha obra prima, porque fiz uma obra prima, isso é que não ha duvida. E doloroso pensar que uma cousa tão bem machinada, tão rigorosamente concebida, de tão completo exito, fique para sempre na sombra! Ah! n'esse dia tive eu a inspiração, a verdadeira, a que ensina a elaborar cousas perfeitas. Oh! meu Deus, ha genios singulares, como Prevost, Bernardin de Saint Pierre, que só produzem uma obra prima *Paulo e Virginia*, *Manon Lescaut*. Mas essas são monumentos.

Talvez eu pertença a essa raça de espiritos. Só fiz uma cousa boa. Foi pena que a praticasse, em vez de a escrever. Se a escrevesse estava celebre. Tinha só um conto, mas unico no seu genero: a *Obra prima do crime*.

Esta idéa nunca mais o largou. Luctou dez annos com ella. Primeiro teve pena de não ter feito o sonho em vez da acção, depois o desejo de contar a acção como se fosse um sonho. Não o perseguia o demonio da perversidade, esse poder singular que leva os personagens de Edgard Poe a dizer em voz alta o seu segredo: era só a preoccupação litteraria, a necessidade de fama, o prurido da gloria.

E dizia-lhe a sua idéa fixa: E porque não has de

tu escrever? O crime é velho, está esquecido, a justiça encontrou o seu auctor, decapitou-o e enterrou-o. Passarás por ter arranjado artisticamente uma antiga historia judiciaria. Contarás no romance os teus pensamentos obscuros, os rancores que te levaram ao crime, as habeis combinações que fizeste para o commetter, todas as circumstancias que te proporcionou esse maravilhoso inventor que se chama o accaso. Só tu estás no segredo da tua obra, e ninguém adivinhará que a colheste na realidade. Ver-se-ha apenas no teu conto o esforço de uma extraordinaria imaginação. E então serás o homem que queres ser, o grande escriptor que se revela tarde, mas por um golpe de mestre. Gosarás o teu crime, como nunca houve criminoso que podesse gosar o seu. Deu-te a riqueza, dar-te-ha os laureis. É quem sabe? depois do primeiro triumpho, hão de fazer justiça ás tuas outras obras. Coragem. Recupera essa espantosa audácia que tiveste um dia na tua existencia. Serás feliz agora, como então o foste. Soubeste agarrar a occasião pelos cabelos. Ainda hoje a tens na mão; queres deixal-a fugir? Sabes que a obra é bella, conta-a no seu magestoso horror. Faz mais ainda, deixa-te de pseudonyms, illustra o teu proprio nome.

E uma bella noite, Oscar Lapissotte sentou-se diante do papel branco, com a cabeça em fogo, com a mão febril, como um grande poeta que sente que vae produzir uma grande obra, e escreveu de um jacto a historia do seu crime.

Contava as miseraveis estreias da mediocridade, os seus terríveis rancores, as idéas de suicidio e de crime que dansavam na sua cabeça, as revoltas de um coração que a chimera enganou e que quer vingar-se na realidade, todo um romance de psychologia penetrante, a anatomia do seu espirito. Depois, em traços sobrios e de horrorosa nitidez, descrevia a scena do hospital, a scena da rua de S. Luiz, a morte do supposto culpado, a victoria do verdadeiro assassino. Então, com uma subtilidade de promenores curiosa e satânica, analysava as causas que tinham decidido o auctor a publicar o seu crime, e acabava pela apothose de Oscar Lapissotte, que punha a sua assignatura por baixo d'esta confissão.

A obra *prima do crime* appareceu na *Revista dos dois mundos* e teve um exito prodigioso. A critica foi unanime nos elogios; e, comtudo, em todos os artigos, até nos mais lisongeiros, havia sempre duas cousas que irritavam sobremaneira Oscar Lapissotte.

A primeira é que se obstinavam em tomar o seu verdadeiro nome por um pseudonymo e em lhe chamar Anatolio Desroses.

A segunda é que se fallava muito na sua imaginação, e não se punha bastante em relevo a verosimilhança da sua narrativa.

Estes dois *desiderata* a tal ponto o atormentaram que lhe fizeram esquecer toda a felicidade da sua gloria nascente. Por isso, um bello dia, estando um *quidam* a felicitar o grande homem que escrevera a *Obra prima do crime* e a bater-lhe com o thuribulo nas ventas, o grande homem respondeu-lhe á queimadura:

— Ora, se o senhor soubesse a verdade d'este caso, então sim, então é que tinha motivo para me felicitar.

O meu conto não é um romance, é um facto succedido. O crime commetteu-se como eu o contei, e fui eu que o commetti. O meu verdadeiro nome é Oscar Lapissotte.

Dizia isto friamente, com um grande ar de convicção, saltando bem as phrases, como quem quer ser acreditado.

— Ah! delicioso! delicioso! exclamou o seu interlocutor. A brincadeira é de um lugubre soberbo. Puro Baudelaire!

E no dia seguinte repetiam todos os jornaes a anecdota. Achou-se deliciosa a tentativa de burla comica, pela qual Anatolio Desroses se queria fazer passar por um assassino. Decididamente, era original e digno de occupar Paris.

Oscar Lapissotte tornou-se furioso. Fazendo essa confissão terrivel, procedêra até certo ponto machinalmente. Agora tinha realmente necessidade de ser acreditado por alguém.

Repetiu a sua confissão a todos as amigos que encontrou na rua. No primeiro dia pareceu o caso divertido. No segundo dia a brincadeira começou a parecer monotonica. No terceiro dia chamaram-lhe massador. No fim da semana passou por um pedaco de asno.

Não sabia manter-se á altura da sua reputação de grande homem. Zombaram d'elle os seus mais ardentis partidarios.

Esse principio de desabamento exasperou-o.

— Ah! é muito! disse elle aos incredulos, em pleno botequim; então ninguém quer acreditar no que é exactissima verdade, ninguém quer reconhecer que não só escrevi, mas executei a *Obra prima do crime!* Pois eu lhes direi! Amanhã saberá Paris todo quem é Oscar Lapissotte.

Foi ter com o juiz que dirigira o processo do crime da rua de S. Diniz.

— Senhor, disse elle, venho entregar-me á prisão. Sou Oscar Lapissotte.

— Escusa continuar, sr. Desroses, respondeu-lhe o juiz com um modo amavel. Li o seu romance, e faço-lhe por elle os meus cumprimentos. Também conheço a excentricidade com que se anda divertindo ha oito dias. Outro qualquer podia zangar-se, vendo que o sr. Desroses tambem quer divertir-se á custa da magistratura. Mas eu sou amigo das letras, e não posso censural-o por querer experimentar emfim o effeito da sua engraçada brincadeira, visto que é a isso que devo a honra de o conhecer.

— Ah! senhor, disse lhe Oscar impacientado com estas amabilidades, aqui não ha brincadeira nenhuma. Juro-lhe que sou Oscar Lapissotte, que commetti o crime, e vou provar-lh'o.

— Pois, senhor, tornou o magistrado, vae ver que não sou homem que desconfie com uma brincadeira. Entro na sua idéa. Estou prompto a ouvil o, e devo confessar-lhe que já estou saboreando o prazer de observar como é que um espirito tão subtil como o seu, conseguirá provar-me o absurdo.

— O absurdo! Mas o que eu contei é a verdade absoluta. O cocheiro não era culpado. Fui eu que arranji . . .

— Parece-me que já lhe disse, meu caro senhor, que li a sua novella. Se lhe apraz contar-m'a, com isso me dará muito gosto. Mas não me prova nada,

senão o que para mim já está provado, quer dizer, que tem uma imaginação singularmente rica e estranha.

— Eu só tive imaginação para commetter o meu crime.

— Para o commetter não, para o escrever, meu caro senhor, para o escrever. E olhe, deixe-me dizer-lhe francamente o meu pensamento a esse respeito. Teve demasiada imaginação, ultrapassou os limites permitidos á phantasia do escriptor, inventou algumas circumstancias que peccam contra a verosimilhança.

— Mas se eu lhe estou a dizer...

— Dê-me licença! dê-me licença! Ha de consentir que eu supponha ter alguma competencia em materia criminal. Pois affirmo lhe, com a mão na consciencia, que o crime do seu romance não está combinado naturalmente. O encontro com a creada no hospital é muito filho do acaso, o chloral (consinta-me o trocadilho) custa a digerir. O mesmo succede com outras particularidades. Como obra de arte, a sua novella é encantadora, bem enghada, original, emfim, captivante; e admitto que teve perfeitamente razão, como escriptor, em tratar de leve a realidade. Mas o tal famoso crime, como crime, é impossivel. Meu caro sr. Desroses, não desejo magual-o; mas, se o admiro como homem de letras, não posso tomal-o a serio como criminoso.

— É o que tu vaes ver! urrou Oscar Lapissotte, saltando ao magistrado.

Tinha os labios espumantes, os olhos injectados de sangue, o corpo a arfar com um accesso de colera. Estrangulava o juiz, se não acudissem ao grito.

Agarraram esse furioso, amarraram-no, fecharam-no n'um quarto, e cinco dias depois levaram-no para o hospital dos doídos de Charenton.

— «Aonde leva a litteratura! dizia no dia seguinte um jornalista. Anatolio Desroses fez uma vez, por acaso, uma obra magnifica, mas de tal modo o perturbou, que acabou por acreditar na realidade do seu sonho. É a velha fabula de Pygmalião, namorando-se de sua estatua. O pobre Murger dizia-me um dia, etc.»

E o que é mais horroroso é que Oscar Lapissotte não estava doudo. Tinha todo o seu juizo, e era isso o que o torturava.

— Assim, pensava elle, tenho todas as desgraças. Não querem acreditar no meu nome, nem no meu crime. Quando morrer, hei de passar simplesmente por Anatolio Desroses, um escrevinhador sem talento, que teve a sorte de imaginar só um bonito conto; e hão de tomar por um personagem de romance este Oscar Lapissotte, este ente, que sou eu, o homem de sangue frio, de decisão, de acção, o heroe da ferocidade, a negação viva do remorso. Guillhotinem-me, mas saiba-se a verdade! um minuto que seja, antes de metter a cabeça na fresta da guilhotina! um segundo! emquanto desaba o cutello, mas ainda que seja n'um instante, rapido como um relampago, quero ter a certeza da minha gloria e a visão da minha immortalidade.

Tratava-se esta exclamação com *douches!*

Emfim, á força de viver encerrado na sua idéa fixa, e na companhia de doudos, endoudeceu tambem.

Foi exactamente então que o mandaram embora, declarando-o curado.

Oscar Lapissotte acabára por acreditar que se chamava deversas Anatolio Desroses, e que nunca assasinára pessoa alguma.

Falleceu com a convicção de ter *sonhado* a sua obra, e não de a ter *executado*.

JOÃO RICHEPIN.

O HOMEM E AS RAÇAS HUMANAS

O homem, designado por Linneu *homo sapiens*, é o unico genero e a unica especie da ordem dos *bimmanos*, ou, melhor ainda, dos *mammiferos monodelphos onguiculados bimanos*.

Apesar do homem, pelo seu desenvolvimento intellectual e pela faculdade da falla formar por si só um ser, ou antes um reino á parte — *regnum humanum* — apresenta, todavia, caracteres physicos que o collocam acima de todos os outros animaes. Nenhum outro mammifero tem os membros inferiores tão bem dispostos para a posição vertical ou bipede. No homem, os membros superiores ou thoracicos foram primorosamente formados para servirem de órgãos de apprehensão e de tacto, para o que nos servimos das mãos collocadas nas extremidades d'estes membros. Na mão, os dedos são compridos, flexiveis e moveis e protegidos por unhas delgadas e chatas, mas, sobretudo o que a caracteriza é a faculdade que tem o pollegar de poder oppor-se aos outros dedos, o que permite a este orgão agarrar os corpos para os levantar e apalpar. Não existe, porém, nos pés igual disposição de dedos, porque são mais curtos e menos flexiveis, e o pollegar, alem de mais grosso, está collocado no mesmo plano.

Póde, portanto, dizer-se que é o homem o unico mammifero verdadeiramente *bimano* ou *bipede*, o unico por consequencia, cujos membros superiores e inferiores são apropriados a usos perfeitamente distinctos, disposição esta, que, independente das faculdades da intelligencia e da falla, assegura ao homem uma grande superioridade sobre os restantes seres organisados.

Possue o homem as tres especie de dentes: quatro incisivos, dois caninos e dez molares em cada maxilla, e comquanto seja por assim dizer polyphago, a forma dos dentes indica que é destinado pela natureza a alimentar-se de substancias vegetaes, e particularmente de fructos, raizes e grãos; tanto que para comer a carne dos animaes amollece-a, cozendo-a.

O que tambem distingue o homem é o desenvolvimento muito mais consideravel e a estrutura mais complicada do cerebro, cujos hemispherios cobrem completamente o cerebro e apresentam exteriormente *circumvoluções* chamadas *cerebraes* e separadas por sulcos ou fendas.

Mas entre os individuos d'esta especie observam-se notaveis differenças de côr e de conformação exterior, que obrigaram os naturalistas a admitir quatro variedades em *raças humanas* com os nomes de: 1.^a, raça branca ou caucasica; 2.^a, raça

amarella ou mongolica; 3.^a, raça negra ou africana; 4.^a, raça vermelha ou americana.

A primeira, á qual pertencemos, é chamada *caucasica*, porque, segundo se diz, teve o seu berço no Caucaso entre o mar Negro e o mar Caspio. Distingue-se pela fórma regularmente oval da cabeça, largura do rosto, e é de cerca de 85° a abertura do angulo facial, isto é, o angulo formado por duas linhas, uma de cima para baixo desde a testa até á base do nariz, e a outra transversal cortando a primeira e passando pelo canal auditivo externo. O nariz é de ordinario aquilino, a bóca regular, os dentes verticaes, a pelle branca ou um pouco morena, os cabellos finos e corredios. A raça caucasica é tambem notavel pelo poder da intelligencia; a ella pertencem os povos que maior grau de civilisação têm attingido. Occupa toda a Europa, a Asia occidental até ao Ganges e a Africa septentrional.

Os povos que compõem a segunda têm o rosto como que achatado, a testa menos larga e um pouco mais obliqua, as maçãs do rosto salientes, os olhos dirigidos obliquamente de cima para baixo e de fóra para dentro, o nariz chato, deixando as ventas a descoberto, e o queixo ligeiramente proeminente; o angulo facial não tem mais que 78° a 80°; a pelle é amarellada, a barba pouco espessa e os cabellos são negros. Esta raça que, segundo parece, nasceu na cadeia dos montes Altaï que separam a Siberia do Thibet, occupa a maior parte da Asia central e oriental; a ella pertencem os kalmouks, os kalkas e outras tribus nomadas espalhadas pelo grande deserto da Asia; povoa o grande imperio da China, o Japão, assim como as ilhas Filipinas, as Mariannas, as Carolinas e as regiões polares da Asia e da America.

A raça negra ou africana distingue-se facilmente das outras pela côr negra da pelle e pelas feições. A testa é deprimida e inclinada para traz, o nariz largo e achatado, os beiços grossos e salientes; os dentes, mais duros e mais compridos que nas raças precedentes são obliquos para diante; e os cabellos, geralmente curtos, são lanosos e encarapinhados; emfim o angulo facial não tem mais que 70° a 75°. Esta raça occupa, como se sabe, todo o centro e o meio dia da Africa alem do Atlas; acha-se ainda disseminada em algumas ilhas importantes da Oceania. Offerece algumas variedades ou ramificações, sendo as principaes os ethiopes, os cafres e os hottentotes.

Os caractéres da quarta raça approximam-se bastante dos da mongolica e até alguns naturalistas a têm considerado uma simples variedade; distingue-se, comtudo, pela côr avermelhada da pelle. O rosto é igualmente menos largo, os olhos menos obliquos, e as maçãs do rosto menos salientes que na raça mongolica; têm pouca barba e os cabellos são compridos e negros. Os povos d'esta raça estão espalhados pela America meridional, vivendo ainda a maior parte no estado selvagem.

LYDIO.

Uma doutrina é bem forte quando tem por si o Amor, a Dor e a Morte.

ERNESTO BERTOT.

LISBOA VELHA

A formosa cidade do Tejo, onde se reuniam, como em precioso museu, tantos documentos para a historia dos diversos povos, que engastaram no seu dominio essa preciosa joia da Peninsula, vae perdendo, pouco a pouco, as provas, que encerrava, da sua afastada origem.

Velhas construcções seculares, expressivas e caracteristicas; antigos bairros medievaes, por largo tempo immobilizados na sua feição pittoresca e documental, desapparecem ou transformam-se, por amor (diz-se) da remodelação de Lisboa. E, todavia, quem subir a um dos pontos elevados, que dominam a vetusta cidade do occidente, descobre entre grupo e grupo de casas, dividindo-a em pequenios burgos, e seguindo-se aos tufos de verdura dos quintaes, largas manchas de terreno sem construcções. Da minha janella vejo eu agora, atravez da pulverisação luminosa que se interpeõe, uma vasta ceara colorida a oiro abatido com *terra-de-sombra*, e onde apenas alguns ceifeiros e tres ou quatro arvores dispersas quebram alegremente a monotonia da paizagem.

Havendo, portanto, dentro da cidade (ainda que só designemos por esta palavra o que ella comprehendia antes da ultima reforma administrativa) tanto espaço para novas edificações, só o mais culpavel desprezo pelo passado e o mais completo desconhecimento da organisação e do valor dos estudos historicos, pôde explicar o desapparecimento, ou a metamorphose, de tantas recordações que de longes tempos guardavamos, no rendilhado de uma cimalha, no estylo de um pilar, na volta de uma janella, na inscripção de uma lapide.

Só a mais imperfeita noção da historia, só o entender que a sciencia do passado se deve reduzir a uma serie de biographias de reis e de generaes, nos faz comprehender, mas não desculpar, a transfiguração de velhos bairros acastellados, onde mais de um povo deixou escriptas paginas inestimaveis, ainda não de todo apagadas, acerca da sua indole e do seu viver intimo.

Quantas vezes o eminente escriptor que foi ha pouco descansar sob as abobadas manuelinas de Santa Maria de Belem, defendeu os monumentos patrios, com o seu estylo prestigioso, do indifferentismo, e ás vezes, até, perseguição, a que foram condemnados!

Se devemos transformar e alindar a nossa capital, em harmonia com as exigencias modernas, cumpre-nos igualmente assegurar por todos os modos a conservação dos monumentos e das recordações que ella encerra, e sem os quaes se não pôde escrever a serio a sua historia. Conhecer e venerar o passado é adquirir o direito á posse de um futuro brilhante.

E depois, da suave poesia que no lembrar de antigas eras se encontra, não é talvez de mais n'este seculo positivo, de industriaes... e industriosos.

JOSÉ PESSANHA.

O filho que censura seu pae, a si se infama.

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA

Está prestes a encerrar-se a magnifica exposição inaugurada em 7 de junho do anno corrente, e que representou um tão nobre e brilhante esforço do engenho portuguez.

Por espaço de alguns mezes houveram todos occasião, examinando os excellentes e primorosos productos installados nos vistosos edificios, que se erigiram na avenida da Liberdade, de convencer-se que não é vã a esperança dos que confiam no rejuvenescimento da nossa nacionalidade pela instrucção e pelo trabalho.

Acham-se nomeados os presidentes de todos os juries, que hão de julgar as obras expostas, e conferir aos expositores, que o merecerem, os premios e galardão a que tenham direito. E folgâmos de reconhecer o acerto e discricião da escolha da commissião executiva da associação industrial. Effectivamente, entre os presidentes dos juries encontram-se algumas das nossas mais legitimas celebridades nas sciencias, nas letras e na industria.

No dia 15 houve, no real palacio das Necessidades, sob a presidencia de Sua Alteza o sr. infante D. Augusto, duque de Coimbra, uma reunião preparatoria do grande conselho dos presidentes dos juries.

Sob proposta do sr. Augusto José da Cunha, Sua Alteza indigiu para secretario o sr. dr. Joaquim Tello, para vice-secretario o sr. Augusto Machado, e para relator geral dos trabalhos do grande conselho o sr. Joaquim Pedro de Oliveira Martins.

Resolveu-se reunir novamente o grande conselho a 19, para se proceder a uma revisião das bases do regulamento apresentado pela commissião executiva da associação promotora da industria nacional, e dar-se começo aos trabalhos dos diversos juries.

Consta-nos que o jury do grupo n.º 19, a cuja apreciação e classificacão têm de ser sujeitos, entre outros, os productos expostos concernentes ás artes graphicas, se comporá da seguinte fórma:

PRESIDENTE, conselheiro Venancio Augusto Deslandes, bacharel em medicina pela universidade de Coimbra, antigo deputado ás côrtes, socio da academia de historia de Madrid, socio honorario da associação typographica lisbonense e artes correlativas, administrador geral da imprensa nacional.

VICE-PRESIDENTE, Francisco Angelo de Almeida Pereira e Sousa, presidente da assembléa geral da associação typographica lisbonense e artes correlativas e da commissião executiva da mesma associação, que dirigiu os trabalhos da exposicão das artes graphicas, membro do jury da exposicão internacional do Porto em 1865, socio do *Fomento de las Artes*, de Madrid, socio fundador da sociedade de geographia de Lisboa, contador da imprensa nacional.

SECRETARIO-RELATOR, José Antonio Dias Coelho, typographo, encarregado da secção de linguas orientaes na imprensa nacional, alumno do curso superior de letras, socio da associação typographica lisbonense e artes correlativas e vogal da sua commissião executiva.

VOGAES: Antonio José Nunes Junior, professor de gravura a talho doce da real academia de bellas ar-

tes de Lisboa.— Augusto Cesar Pereira da Cunha, socio da associação typographica lisbonense e artes correlativas, director da officina typographica da imprensa nacional.— Augusto Zeferino de Castro, socio da supracitada associação, lithographo, e proprietario de uma das mais antigas e notaveis officinas lithographicas de Lisboa.— Candido Augusto da Costa, socio da referida associação, chefe das officinas de impressão da typographia universal.— Francisco Rochini, photographo, laureado em varias exposições.— Joaquim Campos, encadernador privativo da ministerio da guerra. E expositor, tendo-se declarado previamente fóra do concurso.

♦

PROVAS DA FUNDIÇÃO DOS TYPOS DA IMPRENSA NACIONAL. 1838

Temos presente este excellente livro, que, apesar de não ser feito no intuito do *Specimen* da mesma imprensa, sem hyperbole um dos mais perfeitos e formosos trabalhos typographicos, que os conhecem, se distingue pela sua harmonica disposicão e inexcédível nitidez, honrando de todo o ponto os optimos artistas, que o dirigiram, executaram ou para elle collaboraram, e nomeadamente os srs. José Augusto da Silva, chefe do serviço da revisião, José Antonio Dias, fiel do armazem dos typos, Augusto Cesar Pereira da Cunha, director da officina typographica, Ignacio Lauer, director da fundicão dos typos, Francisco Guilherme Tito da Silva e Joaquim Gomes, mestre e contra-mestre da escola de composicão, José Antonio Dias Coelho, encarregado da secção de linguas orientaes, e João Francisco Saraiva, mestre da escola de impressão.

Supprindo uma falta, que se tornára cada vez mais sensível, pois de ha muito se havia esgotado a edição do livro de provas publicado em 1874, esta obra responde triumphantemente aos que menos justa, e, acaso, inconscientemente, accusavam a imprensa nacional de se conservar estacionaria ou estranha ao assombroso movimento de progresso que se nota nas artes graphicas.

Para demonstrar, que não é assim, bastará dizer, que o actual livro de provas comprehende 95 sortes de caracteres ordinarios, romanos e italicos, de corpo 4 a 88; 164 ditas de caracteres de phantasia, gothicos, allemães, russos, orientaes, semiticos, de corpo 5 a 96; 429 ditas de capitães de diversissimos gostos, de corpo 5 a 600; 21 ditas de iniciaes ornadas; excellentes collecções de colchetes (corpos 4 e 6); filetes singelos e variados; 1:228 sortes de linhas de enfeite, traços, fitas, vinhetas e talões, de corpo 6 a 60; 97 ditas de cantos e ornatos; 115 ditas de armas e trophéus, etc.

Comparado com as *provas* de 1874, reconhece se, que na presente edição se encontram *a mais*: 13 sortes de caracteres ordinarios, romanos e italicos; 61 de caracteres de phantasia, orientaes, etc.; 83 de capitães de variado desenho; 11 de iniciaes ornadas; 630 de linhas de enfeite, vinhetas e talões; 20 cantos e ornatos; 16 armas e trophéus.

Grande numero dos typos, vinhetas e ornatos in-

dicados é gravado *originalmente* na respectiva officina.

Sabemos que se prepara diligentemente a gravura e fundição de muitos outros typos e vinhetas. Recommendamos ao exame dos entendidos o livro de provas referido, que se encontra á venda na imprensa nacional, custando cada exemplar 12000 réis, pouco mais do que o valor da respectiva encadernação.

Em breve esperamos ter occasião de nos referirmos ao nosso primeiro estabelecimento typographico, que havendo conquistado os primeiros premios nas exposições de Londres (1862), Porto (1865), Paris (1867 e 1878), Vienna de Austria (1873), Philadelphia (1876) e Rio de Janeiro (1879), tão distintamente figura na exposição promovida, e realisada com o mais brilhante exito, pela associação promotora da industria portugueza, nos edificios erigidos na avenida da Liberdade.

LAURENS JANSZON COSTER

E A ORIGEM DA TYPOGRAPHIA

V

A revelação feita por Junius é de valor incalculavel para a historia da imprensa, e por isso não nos admira que se intentasse por toda a fórma e com toda a especie de argumentos e subterfugios desvirtuar as palavras do celebre escriptor; o que, porém, se torna mais repugnante é acioal-o de calumniador, accusando-o de parcialidade.

Junius era um escriptor consciencioso, possuia um caracter honestissimo, e como tal incapaz de, por um simples impulso de mal entendido amor patrio, falsear a verdade. Alem d'isso n'esse tempo não se disputavam ainda as primazias ou prioridades da invenção, e Junius relata o facto incidentemente, e com a maior simplicidade, como muitos outros de que falla na sua historia, e que ainda não foram impugnados. Não o apresenta á veneração dos vindouros como um invento sublime, nem mesmo parece conceder-lhe a grande importancia que realmente já n'esse tempo deveria ter.

Apesar d'isso, os seus detractores não hesitaram em o aggreir, uns deturpando o que elle escrevera, outros procurando artemidamente depreciar o valor historico do *Speculum*, fixando-lhe uma data posterior, para o tornar, pelo menos, coevo das edições de Gutenberg, a quem alguns têm chegado a attribuir a impressão, a despeito do accentuadissimo cunho hollandez que o livro revela.

Mas o *Speculum* é, e continuará a ser o prototype da typographia na sua infancia, a despeito de todas as apreciações mais ou menos cavilosas que se lhe façam. A seu respeito diz Berjeau: «Esse conjunto de typographia e xylographia na execução da mesma obra, indica evidentemente a passagem natural de uma á outra; é a transição de um processo lento, imperfeito e pouco manuseavel, a uma invenção completa, perfeitamente applicavel em todas as suas partes. Só por este titulo a edição mixta do *Specu-*

lum seria já uma grande curiosidade bibliographica, mas offerece ainda um interesse bem mais consideravel, quando a seu respeito se apresentam documentos que o apontam como o primeiro specimen typographico'».

Ha quatro edições do *Speculum humanæ salvationis*, afóra outras mais modernas, que não possuem valor algum bibliographico, e de que, portanto, não nos occuparemos. D'estas quatro edições duas são em latim, e foram compostas pelo original manuscrito, as outras duas são versões hollandezas, e foram traduzidas, não do original manuscrito, mas sim de alguma das edições já impressas. Tambem tem havido alguma divergencia sobre a maneira de collocar estas quatro edições pela devida ordem chronologica. Méerman pretendeu demonstrar que as duas em lingua hollandeza é que tinham sido primeira impressas; mas tal opinião foi desde logo refutada por diversos, e cremos que não pôde, nem deve ser accepta, pela circumstancia, plenamente provada, de ter sido uma das edições latinas a que serviu de original para a sua traducção.

São bastantes sensíveis as differenças que se encontram n'estas quatro edições do *Speculum*. Aquella a que nos temos referido, e que é considerada a primeira, contém, como dissemos, vinte paginas xylographicas e quarenta em caracteres moveis. A segunda é inteiramente composta em caracteres moveis, semelhantes em tudo aos da primeira. Quanto ás outras duas tem havido duvidas sobre qual dea ser collocada em primeiro logar. Contudo, uma d'ellas é tão mal impressa, tem a tinta tão mal distribuida, e os typos e vinhetas estão tão gastos, que tudo emfim parece indicar, não só que foi a ultima, mas que o trabalho de impressão não foi executado pelo mesmo impressor das antecedentes.

O que é incontestavel é que as quatro edições foram feitas na Hollanda, e saíram todas do mesmo prelo.

PEDRO FREITAS.

MONTE PIO DA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Esta associação de socorro mutuo realisoa a sua festa annual, commemorando o seu 39.º anniversario, no dia 8 de setembro.

A ultima gerencia apresentou o seu relatorio e contas, e por elle vemos que é prospero o seu estado economico, contando apenas quarenta e quatro associados.

Teve de receita.....	3057980
De despeza.....	895185
Havendo um saldo de.....	2162795

verba que bem attesta a boa direcção e zêlo, não só nos corpos gerentes, como tambem nos associados.

Socorreu pecuniariamente cinco associados, na importancia de 247200 réis, e vinte e tres com medicamentos, na importancia de 27845 réis.

É dia de grande regosijo o dia 8 de setembro, para todos os associados do monte pio da imprensa da universidade, sendo feriado em todas as officinas.

1 Essai bibliographique sur le *Speculum humanæ salvationis*, par J. Ph. Berjeau. Londres, 1862.